



# O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

O nosso jornal de 10 de Julho parece que não agradou nem a gregos nem a troianos. Isto deve ser tomado num sentido positivo pois pode-se concluir daí que O Novo Fangueiro não está ao serviço de ninguém, queremos dizer, facção ou partido, mas tão só ao serviço da terra.

De qualquer modo, as várias cartas anónimas que nos mandaram e outros pareceres que de viva voz nos foram transmitidos, deixaram-nos assim a modos de confuso. E confessamos porquê: é que independentemente do muito que nele foi escrito, três textos conferiram-nos a certeza que o jornal fora bem conseguido.

## PRESO POR TER CÃO E PRESO POR NÃO O TER

Referimo-nos concretamente ao seu *Editorial* que além de bem articulado, estava igualmente bem fundamentado; destacamos ainda o *Perfil* que foi esboçado a partir de ligeiras e indirectas referências, mas que ainda assim nos permitiu arrancar das brumas da memória um vulto que nos merece toda a gratidão, e finalmente a *Entrevista* feita pelo Quim de Fão que nos possibilitou avançar portas adentro por uma instituição que tem honrado sobremaneira a nossa terra. Estamos-nos a referir como já adivinharam à Misericórdia local.

Desculpem-nos esta referência um tanto egocêntrica e os juízos de valor nela contidos, mas com quase trinta anos de experiência docente, sobretudo nos domínios da História e da Filosofia, seja-nos permitido poder julgar os textos de O Novo Fangueiro e atribuir-lhes uma valoração um tanto aproximativa de um consenso de epígonos.

Foi, pois, deveras chocante para nós que a crítica feita ao último exemplar do nosso jornal não tivesse ultrapassado frases com um sabor contumaz a nafetalina partidária: «Está sempre a falar no Luiz Viana»; «Porque é que deixou sair as cartas do Óscar Viana?»; «A referência que faz à *Pousada da Juventude* mostra logo que está ao lado do PSD»; «Não falou no Gimnodesportivo que vai ser construído perto do campo de futebol. Porquê?». E assim por diante.

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### DEOLINDA CHAMORRO

Ai! a viva, ai! a vivinha!...  
Vinde cá, ó gentes, vinde ver a sardinha da Póvoa!...

E por vezes com carinho: *Vinde cá, ó mijonas!*...

Este grito, slogan ou pregão ficou-nos de outiva desde os tempos de criança. Quem o lançava era a poveira, Tia Rosa Chamorro, há uns cinquenta anos atrás, que cedo começou a fazer-se acompanhar por uma filha, a Deolinda Palmeira Neves, uma gurizita loira que foi crescendo ao lado da mãe e que naturalmente aprendeu a deitar ou a acompanhar o grito da sua progenitora.

As gamelas eram pousadas no chão e logo um grupo de mulheres começava a regatear o peixe que era variado; muitas vezes sardinha, outras, chicharro, e ainda pescada, faneca, peixões, etc..

O cenário era o nosso mundo de infância, as Pedreiras, que nós só nos habituámos a ultrapassar quando entrávamos na época da «doutrina» ou da «escola». Antes disso também íamos a Fão mas só para ir «ao senhor doutor», ou então para ir à missa sob o xaile da mãe.

Era curioso este intercâmbio, queremos dizer, a vinda de peixeiras da Póvoa a Faõ, Gandra e Fonteboa e a ida das peixeiras de Fão, a Barcelos, a Braga, a Viana e até a Espo-sende. Há cinquenta e tantos anos atrás a vida era difícil para esta gente. As viagens eram a pé e de gamela à cabeça, e por vezes com um filho ao colo. As peixeiras de Fão, nomea-



damente as Tias Troia, as da Francisca Rosa iam à Póvoa busear o peixe que depois vinham vender na terra ou noutras zonas por vezes distantes. Sempre a pé, como já afirmamos acima.

Entretanto os tempos mudaram, surgiram as camionetas, os camiões e até modernamente pequenos veículos de duas rodas que substituem para melhor as gamelas e duplicam a quantidade de peixe vendido.

Já não há Francisca Rosas, já morreram as Tias Troias, já não vem da Póvoa a tia Dores mas... a última abencerragem dessas ges-

(Continua na pág. 2)



Ante-projecto da Pousada da Juventude (ver na pág. 3)



# EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Quanto ao editorial, à Entrevista e ao Perfil, nenhum fangueiro se lhes referiu.

Já sabemos que tudo se resume a uma questão de cultura. É certo. Simplesmente Fão tem a sua história, os seus pergaminhos. Ao longo dos séculos foi tida muitas vezes como a freguesia mais proeminente do concelho. Bateu o pé à pretendida macrocefalia esposendense.

Bom, isso foi *in illo tempore*. De qualquer modo, não deixa de ser curioso que hoje a terra de Fão, com quase metade ou mesmo metade de habitantes do que a ridente vila de Apúlia — 3.000 e tal para 6.000 e tal — possua mais aparelhos de vídeo do que a sua vizinha.

Este resultado é ainda uma questão de cultura. Apesar de tudo, apesar do seu mais resplendecente ar cidadão, apesar de uma maior parafrenalia de instrumentos transmissores de civilização, apesar do confortável número de instituições sociais, os habitantes de Fão não revelam possuir aquele índice cultural que lhes permita formular juízos de valor libertos do nevoeiro partidário em que se encontram mergulhados.

E disso á também vítima o nosso jornal. Grande parte dos seus leitores ao depararem com notícias que se referem a realizações da Junta actual, logo reclamam: «O Novo Fangueiro agora é PSD». Se os textos envolvem, por outro lado, pessoas afectas à precedente autarquia os seus aderentes imediatamente ripostam: «Está a fazer frete ao CDS.» Isto é o que se chama: Preso por ter cão e preso por não o ter.

Mais uma vez proclamamos: O Novo Fangueiro não tem partido. Como o próprio nome o diz, trata-se de um Jornal que é apenas... fangueiro.

E não são as cartas anónimas pejadas de insinuações e ameaças que nos farão mudar de caminho.

## MOTORISTA

ADMITE, PREFERÊNCIA CARTA CONDUÇÃO PESADOS,  
ASSOCIAÇÃO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS FÃO  
FÃO — 4740 ESPOSENDE

## DEOLINDA CHAMORRO

(Continuado da pág. 1)

tas heroicas ainda é viva, ainda mexe, ainda vende peixe em Fão — referímo-nos à Deolinda Chamorro, a filha da tia Rosa, que ainda aparece por cá.

Agora está um bocado pesada. Aquelas pernas que nós dantes mirávamos com olhos gulosos, deram de si, o andar tornou-se mais palmípede, o reumático começou a impôr as suas leis.

«Sabe, senhor, com o tempo vieram os camiões de Matosinhos, nós entrávamos neles até Fão e depois íamos vender por aí. No tempo de minha mãe íamos a Gandra, Fão e Fonteboa. Ai a gente de Fonteboa, tão boa era!... Além de nos comprarem o peixe, dávam-nos broa, vinho, batatas, cebolas e tudo.

Quando minha mãezinha deixou de poder vir — deu-lhe uma trombose — eu deixei de ir a Gandra e depois a Fonteboa. Era demais. Comecei a ficar só em Fão e nas Pedreiras. Que saudades eu tenho da Cândida Gaifém. Era tão boa! Comprava-nos peixe e nunca nos deixava ir embora sem nos pôr no regaço batatas, broa ou o que calhasse».

E ao dizer isso, a Deolinda procurou no bolso fundo da saia, misturado com o dinheiro, um papel que nos mostrou. Era um bocado do Jornal de Notícias onde vinha a notícia do falecimento da Cândida e a sua fotografia. Comoveu-nos este gesto, e ternura de uma poeira trazer no íntimo do regaço a foto de uma sua cliente. Esta gente quando ama, ama a sério. E não se pense que nós tínhamos a entrevista marcada. Nós entramo-lhe de sopetão pela sua casa dentro, ela então lembrou-se ao que íamos e então chamou os filhos, o marido, um papel que nos mostrou. Era um bocado do Jornal de Notícias onde vinha a notícia do falecimento da Cândida e a sua fotografia. Comoveu-nos este gesto, e ternura de uma poeira trazer no íntimo do regaço a foto de uma sua cliente. Esta gente quando ama, ama a sério. E não se pense que nós tínhamos a entrevista marcada. Nós entramo-lhe de sopetão pela sua casa dentro, ela então lembrou-se ao que íamos e então chamou os filhos, o marido, pessoas amigas e a todos ia dizendo: «este senhor tirou-me um filme.»

Deolinda Neves tem 56 anos. continua a vir a Fão. «Só lá deixarei de ir quando morrer». E virando-se para o bonacheirão do marido: «Gosto mais daquela gente do que de ti». E falou-nos do sr. Américo das Pedreiras. E rememorou outra vez a Cândida: «Quando matava o chico (porco) dáva-me sempre um presente».

Era e quase é ainda costume: quando se matava o porco na Rua Serpa Pinto os respectivos donos iam levar aos seus vizinhos um pouco de carne, fêveras, sangue e tripas para se fazer sarrabulho. Era a vontade de que os vizinhos compartilhassem da alegria que os donos sentiam na altura das matanças.

A Deolinda ainda mantém a cara aberta por um sorriso franco e acolhedor. Mostrou-nos várias fotografias. Numa delas apareceu-nos com a bandeira do Bairro Norte. É uma fanática do seu bairro. Vamos esclarecer melhor este aspecto.

Na Póvoa, desde tempos imemoriais

mantém-se uma certa, queremos dizer, uma grandecíssima rivalidade entre os vários cantões da cidade. Em dia de festa era costume os rapazes e as raparigas de um lugar aparecerem bem vestidos, elas com traje à tricana, e eles com roupas de casamento, exibindo-se em marchas com letra e música da sua lavra. Já vem dos tempos do saudoso etnográfico Santos Graça esta emulação. Em 1962 oficializam-se as festas de S. Pedro. Na noite de 28 as rusgas do Bairro Norte, Bairro Sul e Matriz vem para as ruas mostrar as suas capacidades. A rivalidade maior era sobretudo entre o Norte e o Sul.

As Rusgas visitavam-se mutua e agressivamente. As classificações deixaram-se de se fazer porque ninguém se entendia. Era o cabo dos trabalhos. E para que o fim do mundo não surgisse na Póvoa, deixou de se atribuir um prémio. Mas a rivalidade mantém-se e é essa rivalidade que transforma a noite de 28 de Julho numa das mais animadas se não a mais animada noite da Póvoa. Aí a Deolinda esquece Fão, os seus amigos, Lai-Lai, sr. Lima, a Rosália Manica, a dr.<sup>a</sup> Daizi, filha do sr. Sobral «é uma joia de pessoa», o sr. Nel (Carvalho da Amalinha), o António (irmão da Cândida), o Zé Mena, a D. Maria Augustinha (Farmácia), o Armando Gageiro, e tanta gente «que são todos meus clientes. e tão amigos...»

«Eu só tenho medo que me dê uma trombose. Nessa altura é que terei de deixar de ir aquela terra».

A Deolinda é uma ponte de amizade entre Fão e a Póvoa. Póvoa que desde tempos de antanho constituiu um foco de atracção para a gente do mar que habitava em Fão. Veja-se a propósito uma lista telefónica com o patronímico «fangueiro». São dezenas. E depois há ainda muitas famílias que não beneficiam deste meio de comunicação e portanto «não vem na lista».

Para terminar: Enfim a Deolinda é cá das nossas!

## PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

*Um dos contratos-programa assinado há dias pela Câmara e pelo eng.º Couto dos Santos, Ministro da Juventude, dizia respeito à construção de um gimnodesportivo junto ao campo de futebol «Artur Sobral».*

*Parece que o negócio foi feito da seguinte maneira: a Câmara recebia ou recebeu o terreno destinado à Pousada da Juventude mediante o pagamento de 25.000 contos e com essa verba foi possível comprar o recinto para o referido pavilhão.*

*Há quem conteste o referido negócio afirmando que a edilidade dispunha de terreno próprio para o pavilhão, que era no Bom Jesus.*

*Por nós achamos que a já famosa «Pousada» veio para Fão por causa da facilidade com a autarquia local disponibilizou o terreno necessário. Não esqueçamos que a Pousada da Juventude é mais uma unidade hoteleira que vem reforçar a vertente turística de Fão.*

*Não devemos esquecer ainda a piscina prometida por ocasião dos pugnos eleitorais. Entendemos que o lugar certo seria junto ao parque de campismo.*





# DE APÚLIA

**AGOSTO, MÊS DE FESTAS EM APÚLIA** — Mês de Agosto, é mês de festas. Por todo o lado, de Norte a Sul do País. Qualquer terra que se preze, festeja neste mês a Virgem Maria, na invocação de todos os riscos e de todos os desejos... Senhora da Guia; Senhora do Amparo; Senhora da Boa Viagem; Senhora da Bonança...

Apúlia, desde há anos (muitos anos) que promove festas em honra da Senhora do Amparo, em Criad, e da Senhora da Guia, na Areia. E sempre o faz no mês de Agosto. Este ano terão lugar nos dias 9, 10 e 11, em Criad. E nos dias 15, 16, 17 e 18, na Areia.

Dos vastos programas há muito elaborados, constam diversas cerimónias de culto, procissões nocturnas e diurnas, actos de variedades, exibição de fanfarras e conjuntos musicais, fogos presos e do ar, concertos por afamadas Bandas de Música, festivais de folclore, um dos quais, nas festas da Senhora da Guia internacional, com representações da Turquia, Polónia e Roménia para além de muitos portugueses, música gravada, «Zés P'reiras», arraiais, batalhas de flores, variedades musicais, etc. ...

Durante 15 dias os motivos de interesse vão prender a atenção dos apulienses e dos muitos milhares de forasteiros, que nesses dias nos visitam para honrar e agradecer à Santa da sua devoção.

**CAMPISMO** — A recente proibição do campismo selvagem, de há anos instalado em Apúlia nos mais diversos sítios, públicos ou privados, continua a ser motivo de polémicas e de aceses discussões entre apulienses. E não só...

Como em todos os pleitos, há os que concordam e os que discordam, estes em maior número. Uns, porque são directamente atingidos e prejudicados (e por isso têm toda a razão para discordar), outros porque entendem que o turismo apulense não se pode fazer de ocasião, accidental, em quantidade, mas planeado, seguro e certo, e também em qualidade. E também têm razão.

Correndo os inevitáveis riscos de não agradar a «gregos» nem a «trolanos», uma interrogação vamos deixar aqui: os interesses da comunidade devem sobrepor-se aos dos seus habitantes, ou os destes devem sobrepor-se aos da comunidade?... E lembrar que esta lei (que no caso das explorações privadas nos parece iníqua) não foi feita ontem, nem foi feita para a nossa terra.

Por isso se estão a gastar verbas muito significativas na preservação da natureza com a criação de áreas de paisagem protegidas.

Mesmo em Esposende. mesmo em Apúlia.

**FALECIMENTOS** — No lugar da Igreja, faleceu no dia 1 de Julho, o sr. Mário Gomes Ramos Igreja, nascido em 25 de Abril de 1915, filho de Patrocínia Gomes Igreja. Era casado com a sr. Palmira Gomes Loureiro.

— No lugar de Criad, no dia 3 do mesmo mês,

faleceu a sr. Ana Gomes Correia, nascida em 31 de Maio de 1912, filha de Valentim Francisco Correia e de Olívia Gomes Miana. Era viúva de Manuel Fernandes de Oliveira.

— No mesmo lugar, em 11 do referido mês de Julho, faleceu a sr. Amélia Lopes de Miranda, nascida em 27 de Agosto de 1914, filha de Joaquim Gomes Machado e de Angelina Lopes de Miranda. Era viúva de Albino Gomes Lucas.

Os nossos pésames para todos os familiares destes nossos conterrâneos.

## Reimeli deu cursos sem ajuda da CEE

### MECÂNICOS ESPECIALIZADOS RECEBERAM DIPLOMAS

A empresa Reimeli Limitada, representante em Portugal do grupo norte-americano The Allen Group Inc., de Chicago, fez a entrega de diplomas aos formandos de mais um curso de formação de mecânicos especializados.

O curso, que durou três semanas na filial de Lisboa, foi inteiramente suportado pela empresa (que não recorreu a qualquer fundo comunitário), e contou com a presença de trinta e cinco formandos, os quais estão agora aptos a trabalhar com os mais avançados equipamentos electrónicos para o diagnóstico de motores de veículos.

Com a realização deste curso, a Reimeli, com sede no Porto, procura formar mecânicos ainda sem experiência e aperfeiçoar outros já com experiência, tornando-os aptos a enfrentar os desafios de uma Europa Comunitária.

Na sessão de encerramento do curso, o fundador e administrador principal da empresa nortenha, António Sá Pereira, sublinhou que o empenhamento profissional de cada formando, juntamente com a formação que acabavam de adquirir, possibilitaria no futuro uma maior rentabilidade das oficinas.

Sá Pereira destacou igualmente a contribuição deste curso para diminuir gradualmente a falta de segurança que ainda existe nas estradas portuguesas.

A Reimeli, vocacionada para o funcionamento e comercialização de equipamentos para garagens e estações de serviço, foi recentemente distinguida pelo The Allen Group ao ter sido incluída entre as melhores dez empresas mundiais representantes do grupo.

No Salão Internacional de Automóvel realizado o ano passado na Exponor, aquela empresa destacou-se com a apresentação daquela que constituiu uma das novidades da exposição: um sofisticado sistema computadorizado de diagnóstico capaz de detectar, por si só, cerca de 800 avarias nos automóveis.

in Correio da Manhã de 5-6-91

## JARDIM DA PRAÇA

O jardim da Praça encontra-se bastante descuidado. Aquilo já não é jardim nem nada. Lembramos que o Porto, que conhecemos bem, Braga e Barcelos apresentam jardins belamente tratados. Nós temos três locais — Bom Jesus, Cortinhal e Praça — que poderiam rivalizar com qualquer uma destas cidades.

Com a bela e supomos que única — não há melhor — fonte luminosa do Cortinhal, entendemos que Fão deveria ter melhores locais floridos. Por que não se leva a estagiar um dos nossos homens da limpeza?

## POUSADA DA JUVENTUDE PARA FÃO

No dia 13 de Julho deslocou-se a Esposende o Ministro Adjunto da Juventude Couto dos Santos, ilustre forjanense, acompanhado do Secretário de Estado da Previdência, dr. Marques Mendes, do Director Geral de Desportos, prof. Mtrandela da Costa e de outras entidades, com o objectivo de presidir à cerimónia da assinatura de dois contratos programa entre a autarquia e a D. G. de Desportos, referentes à construção de um pavilhão gimnodesportivo na nossa terra, junto ao campo de futebol, e de uma piscina em Forjães. Pela mesma entidade foram entregues oito carrinhas às freguesias de Marinhas, Forjães, Antas, Apúlia, Fão, Gandra, Palmeira e Vila Cbã.

A comitiva ministerial deslocou-se nesse mesmo dia à vila fangueira para proceder ao assentamento da primeira pedra para a construção de uma Pousada da Juventude, obra que orçará pelos 250 mil contos.

A escolha da vila fangueira para a construção da referida Pousada não foi pacífica, com a agravante de vários conterrâneos minimizarem este melhoramento que é sem dúvida notável para a terra de Fão.

Creemos que pesou na escolha da nossa vila para a construção de tal empreendimento a acelerada disponibilidade dos autarcas fangueiros em conseguirem o terreno necessário e bem localizado.



Assentamento da 1.ª Pedra para a Pousada da Juventude pelo Ministro da Juventude

E não se esqueça, que Fão, com o nome de Ofir, foi o centro irradiador do turismo, quer a nível concelbio, quer a nível distrital. A Pousada constitui uma justa compensação para essa situação de pioneiro.

Por outro lado destaque-se a política concelhia adoptada pela nossa edilidade. Tal opção não se afigura pacífica. os da vila, sede do concelho, entendem que a primazia lhes deve ser concedida. os outros habitantes reclamam que a macrocefalia só traz desigualdades.





# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## ENTRE NÓS

### FUTEBOL

Campeonato Regional da 1.ª Divisão da A. F. de Braga

#### CLASSIFICAÇÃO FINAL:

	J	V	E	D	P
MereLinense.....	30	22	6	2	50
Águias Graça.....	30	21	5	4	47
Ribeirão.....	30	16	6	8	38
Antas (S. Paio).....	30	15	6	9	36
Marinhas.....	30	14	8	8	36
Lagense.....	30	12	11	7	35
FÃO.....	30	13	8	9	34
Realense.....	30	9	13	8	31
Aveleda.....	30	9	11	10	29
Prado.....	30	12	5	13	29
Apúlia.....	30	12	5	13	29
Dumiense.....	30	9	8	13	26
Palmeiras.....	30	8	5	17	21
Ceramistas.....	30	4	10	16	18
Vila Chá.....	30	2	9	19	13
Pousa.....	30	1	6	23	8

### II TORNEIO DE FUTEBOL DE 5

Está a disputar-se, no Campo de Jogos do Clube de Futebol de Fão, o II Torneio desta modalidade, organizado pelo mesmo grupo de pessoas que já a época passada prestaram um valioso contributo ao clube, e que por sinal fazem parte da nova Direcção.

Tendo em conta o número de equipas que se inscreveram (20), o dobro do I Torneio, pode considerar-se uma iniciativa muitíssimo positiva. Já no aspecto disciplinar este II Torneio não tem primado pela correcção, o que tem causado algumas arrelias aos organizadores, e que não as merecem.

As equipas participantes são oriundas de Fão, Esposende, Gemeses, Mar, Apúlia e Barcelos.

### CANOAGEM

#### CAMPEONATO DE VELOCIDADE SEN/JUN

Prova realizada no Rio Douro, em Meltes, on-

de os atletas do clube Náutico de Fão conquistaram os seguintes títulos nacionais:

K1 - Jun., 500 m, Belmiro Penetra; K1 - Jun., 1000 m, Belmiro Penetra; K2 - Jun., 500 m, Luís Sousa/Luís Faria; K2 - Jun., 1000 m, Luís Sousa/Luís Faria; K4 - Jun., 1000 m, Luís Sousa/António Roxo/António Ferreira(Luís Faria; K4 - Jun., 10.000 m, Luís Sousa/António Roxo/António Ferreira/Luís Faria; C2 - Sen., 500 m, Emílio Araújo/Carlos Vieira; C2 - Sen., 1000 m, Emílio Araújo/Carlos Vieira.

### REGATAS DE PRADO

Nesta competição o clube Náutico de Fão obteve o 3.º lugar colectivamente. Em relação à classificação individual, os nossos atletas obtiveram as seguintes classificações:

K1 - Sen., Lázaro Penetra, 4.º; João Anunciação; Agostinho Neto; C1 - Sen., Emílio Araújo, 2.º; Carlos Vieira, 3.º; K2 - Jun., Luís Sousa/Luís Faria, 1.º; António Roxo/António Ferreira, 3.º; C1 - Jun., António Ferreira, 4.º; K1 - Jun. Femininos, Elisabete Catarino, 5.º; K1 - Cadetes, Miguel Pedras, 1.º; K2 - Cad., José Serra/João Santos, 2.º; C1 - Cad., Hugo Moreira, 3.º; K1 - Cad. Femininos, Mónica Oliveira, 4.º.

### MARATONA INTERNACIONAL DE CRESTUMA

Nesta prova que contava para o respectivo campeonato nacional, os atletas do C. N. de Fão obtiveram as seguintes classificações:

Circuito - 6 km - K1, Cadetes, Miguel Pedras, 2.º; Maratona - 29 km - C1, sen., Emílio Araújo, 4.º e Carlos Vieira, 5.º; K2 - Jun., João Anunciação/Agostinho Neto, 10.º; K2 - Jun., António Roxo/António Ferreira, 6.º.

## VENDE-SE

T-O, COMPLETAMENTE MOBILADO E DECORADO, VENDE-SE JUNTO AO RIO, EM FÃO. PREÇOS ACESSÍVEL.  
TEL. 981476 OU (02) 6004690

# PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

### ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

Desculpem que ponhamos em primeiro lugar a nossa prezada conterrânea Aurora Gai-fém. De ano em ano, ou quase, vem até nós matar saudades. Desta vez pensa ficar uns dois meses. Tivemos o prazer de a cumprimentar e ela foi muito clara: «A... pode haver fangueiros como eu no Brasil, mas mais fangueira, não há!».

Pronto, cara Aurora. E ao teu marido, o distante Morgado, aquele abraço.

— De França, já em Fão se encontram os familiares do Zé Barbeiro:

Orlando Ferreira Graça que nos contou que no dia em que chega «O Novo Fangueiro», vai para a cama cedo e lê o jornal de ponta a ponta.

Estão ainda com os seus irmãos Carlos e Elias Ferreira Graça.

Também já chegaram, acompanhados das respectivas famílias, os filhos (os outros são irmãos) do Zé:

Olímpio Faria Graça e José Faria Graça.

## NOVO ESTABELECIMENTO

Abriu em Fão uma garrafeira que se chama **TORRE do VALE**. Com toda a gama de Bebidas Nacionais e Estrangeiras. Representação oficial das Caves do Barroco. Dtz-nos um panfleto que os Preços são Incríveis. Haverá promoções mensais de várias bebidas. O local foi bem escolhido: Rua dos Bombeiros. A Inglesada passa toda por ali.

E a sobrepôr-se a tudo, temos a simpatia, o riso, a confiança e o dinamismo do seu proprietário Bernardino Vale. E ainda a seriedade.

Se os fangueiros fizerem as suas compras ali, Fão tem capacidade para aguentar uma Garrafeira.

# Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» trata de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como da especialidade etimológica, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentam esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de epítetos e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX  
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX  
IMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A, 1200 LISBOA



# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Estão bem «queimadinhos» da praia? Com este calor, quase ficam mas é «torradinhos», não? Boas férias e bom descanso, que também é preciso.**

## AMANHECER NA ALDEIA

Por DONATO QUEIRÓS

O céu vai-se tingindo de tons de rosa esbatidos, seguidos de rosados fortes e de laranjas vivos.

Farrapos de núvens correm, na sua azáfama habitual, como algodão-doce que vai derretendo rapidamente.

No ar vão-se misturando vários cheiros: a pão fresco, leite, bolos, café, roupa lavada — um dia prestes a começar.

O som antigo, cansado e rouco do sino corta o silêncio, juntamente com o cantar afinado e sabido do galo.

Gotas de orvalho, prateadas, vão rolando das plantas e das copas das árvores que assim vão perdendo o seu brilho.

As flores vão desabrochando, colorindo o verde dos campos, primeiro com uns salpicos de pintor amador e em seguida formando um tapete multicolor onde um número sem fim de insectos começa o seu dia.

As abelhas, «funcionárias» competentes, começam a trabalhar, colhendo o pólen dourado das flores, que abanam como quem diz: «Bom dia!»

Ao longe, no coração das matas, os primeiros pássaros esvoaçam, ensaiando os seus voos matinais.

No riacho, o coaxar das rãs diminui, os raios de sol tornam as águas transparentes e límpidas num espelho resplandecente de luz, onde os juncos e caniços se banham e admiram ao acordar.

Pelos caminhos passam animais; também eles começam o seu dia.

(Continua)

## PAUSA PARA SORRIR

Dois indivíduos que nunca tinham saído da sua aldeia, resolvem meter-se no comboio para visitar uma cidade.

Pouco depois, dormem a sono solto. Passado bastante tempo, um deles acorda e abana o companheiro, dizendo-lhe. Pergunta-lhe:

— Onde estamos?

O outro, que sabia ler, mete a cabeça de fora da janela do comboio, que na altura estava parado numa estação, lê o letreiro que lhe ficava mesmo em frente, e responde:

— Estamos na Estação Retrete.

— Ah! — comenta o primeiro — se caíhar o comboio ainda não anda já, por isso vamos lá tomar qualquer coisa...

Um senhor procura num Hospital o cadáver de um seu parente lá falecido. Pergunta-lhe o funcionário de mau modo:

— Tinha o morto algum sinal particular? (assim seria mais fácil identificá-lo).

Responde o homem, prontamente:

— Tinha, sim senhor! Era cego...

Um indivíduo embriagado deixou cair o casaco, que trazia pelas costas. Olhando-o com pena disse:

— Caíste, desgraçado! E eu bem queria apanhar-te. Mas se me abaixo caio eu e depois tu não podes levantar-me!

E foi-se embora, em mangas de camisa.

## UMA LÁGRIMA, UMA VIDA

*Uma lágrima é uma gota de água.  
Simple, pura, sincera.  
Desabrocha no rosto  
Presa à terra dos sentimentos,  
E corre entre as escarpas  
De antigos ferimentos.*

*E os sulcos agrava  
E o desfiladeiro da recordação  
É mais profundo.  
Na noite do desespero  
Arrasta saudade,  
Reflecte esperança.*

*Escorrega devagarinho,  
E pacientemente espera  
Um gesto de carinho  
Duma mão terna  
Que a leve,  
E deixe finalmente  
Descobrir-se o Sol.*

*Ao levantar do olhar  
E do sorriso escondido,  
Tal qual uma vida destruída  
Que das cinzas se esgue  
E desprezando o que a matou,  
Uma nova vida origina.*

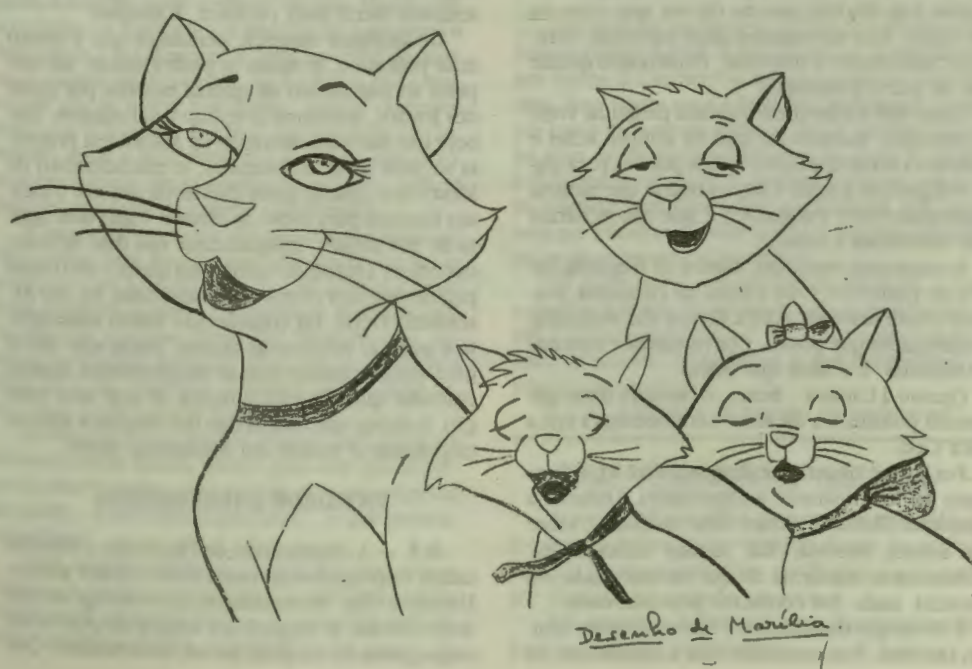
MARTA (15 anos)

## O PESCADOR


*Esposende ao luar  
Tem o rio tem o mar  
E as ondas a adormecer  
Ao som das ondas, magias  
Com rancos de ironias  
Que fazem o pescador sofrer*

*Barcos de pesca navegando  
As redes vão espalhando  
Para poderem viver  
É trabalho maçador  
Que leva o pescador  
Para a rude faina vencer.*

ISADORA



ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



# OS NOSSOS ENTREVISTADOS

4

Pelo QUIM DE FÃO

(Continuado do número anterior)

## VENDAS DESNECESSÁRIAS?

N.F. — *A Mesa foi «criticada» por uma parcela de Irmãos mais conservadores pelo facto de terem vendido bens imóveis: pinhais, quintas de lavradio e moradias. O que levam a Mesa a tal procedimento?*

PROVEDOR — Nunca ouvi a mesa ser criticada, nomeadamente na hora e local previamente convocados, ou seja, nas Assembleias gerais. Apesar de todos serem avisados pelo correio, nunca tive o prazer de ouvir fosse quem fosse a levantar tal questão. Mas como conheço Fão e os seus «criticos de café», tenho muito gosto em explicar principalmente aos Irmãos da Instituição que por razões óbvias, não puseram ou não quiseram pôr essa questão no sítio próprio. Conforme já referi, ao longo dos últimos anos foram feitos imensos investimentos. Estão à vista. São demasiado grandes e importantes para não serem vistos. A maior parte deles são da alçada da Segurança Social e foram financiados a 60%. Onde fomos buscar os outros 40%? Se a Câmara Municipal nunca nos deu um tostão; se não fizemos peditórios a sobrecarregar a população, é óbvio que tivemos que alienar alguns bens para fazer face ao custo da nossa parte, nas obras. O que valerá mais? Um campo de cultivo, um terreno de pinhal e mato, um campo «a monte» ou ter um lar da 3.ª idade ou uma Creche e Jardim Infantil? Ou um hospital a causar inveja aos seus iguais? Quantas vidas ou maleitas já não foram salvas graças ao investimento técnico feito no Hospital? Mas descansem os «Velhos do Restelo» que no local próprio poderemos provar, sem demagogia, que para além das obras de carácter social feitas, ao serviço das populações, facilmente poderemos provar ter dobrado, repito dobrado, o património da Santa Casa. Repito, não contando com o investimento feito, por menos dobramos o património.

Resumindo:

1.º — Já provámos e provaremos a todos que continuam com dúvidas que a alienação (vendas) efectuadas não foram mais que trocas de património, isto é, vendemos aqui para comprar ou construir ali bens e equipamentos, que constituem necessidade e que são a razão de existir da Instituição, ou seja, os edifícios e os equipamentos indispensáveis ao bom serviço da criança, do idoso, do doente.

2.º — Já provámos e provaremos a quem tiver dúvidas que — mesmo excluindo o que já referi — nós fizemos maior valor de escrituras a favor da Misericórdia que escrituras de venda.

3.º — Os investimentos na área de Segurança Social são comparticipados em 60%. Quem paga ou dá os outros 40%?

4.º — Todos os investimentos da parte hospitalar não têm um tostão de subsídios. Obras, equipamentos, infraestruturas, etc., etc... Quem pagou? Como é?

N.F. — *As relações Misericórdia/Autarquias/Novo Fanguieiro, no passado, não foram pacíficas. Não acha que todos somos poucos para ajudar a dignificar a Santa Casa? Desabafe, sr. Provedor...*

PROVEDOR — É um pouco complicado abordar este assunto, mesmo passados alguns anos. Como sabe, hesitamos bastante para abordar e dar a conhecer alguns aspectos da vida da Instituição.

De maneira alguma, guardamos rancor, mas também deve reconhecer que é um pouco difícil esquecer as atitudes e opiniões lesivas para a Santa Casa. Dou-lhe um exemplo:

— Apesar das boas relações actuais entre a Misericórdia/Câmara e Junta de Freguesia, não conseguimos arranjar um tostão para obras ou equipamentos. Porquê? Nós pensamos que a razão

está na ideia gerada por «fanguieiros» outrora politicamente (?) responsáveis que eram os primeiros a dizer para não se atribuir qualquer subsídio à Misericórdia de Fão, dado não precisar! Isto é incrível! Pensamos que esse absurdo ainda prevalece. Paralelamente, durante anos, todos os escritos surgidos sempre, mas sempre, veicularam algum lado negativo que eventualmente pudesse ser explorado; mas sempre, sempre, sem auscultar a opinião de algum responsável pela Instituição. Ouvia-se... dizia-se... à mesa do café... logo era notícia... Nunca negámos abordar fosse que assunto fosse. Então, nas Assembleias Gerais escalpelizamos todo e qualquer assunto que surgisse ou surja. Não temos a veleidade de pensar não ter cometido erros ou ter cometido atitudes menos correctas. Só que nunca nos deram o benefício da dúvida, mesmo tendo em conta que éramos e somos responsáveis por compromissos mensais superiores aos orçamentos anuais de todas as outras instituições de Fão.

Por outro lado, perguntamos:



O Hospital e um aspecto do Lar da Terceira Idade

Quem se ofereceu para nos ajudar?

Mas que ninguém tenha dúvidas que a Santa Casa tem ajudado, sempre que requisitada, todas, mas todas as instituições, organizações e mesmo a Junta de Freguesia, inclusivé.

*Sempre estivemos receptivos a toda e qualquer ajuda.* E continuamos a estar.

Já agora pergunto: há alguma Instituição em Fão que tenha passado tantos anos, quinze mais precisamente, sem discórdia, sem Assembleias tumultuosas e que mais tenha progredido? E se me permitir desabafar, que dizer, da última Assembleia Geral, onde todos os irmãos avisados antecipadamente pelo correio e são cerca de quinhentos, só se realizou à 2.ª Convocatória por falta de quorum? Alguém tem dúvidas que no dia em que, com ou sem razão, haja um mínimo para especular, teremos o Salão Nobre a abarrotar, esquecendo quinze anos de paz e progresso?

Como põe várias questões numa pergunta, volto ao princípio, dizendo-lhe que eu sempre achei e continuo a achar que todos somos poucos para ajudar a dignificar a Santa Casa; as outras que nomeia (Autarquias/Novo Fanguieiro) é que não acharam nem continuam a achar...

As autarquias mudaram, tanto o da Freguesia como a do Concelho. Com a Junta de Freguesia, sentimos a solidariedade activa dentro das reduzidas possibilidades que possui. Conversamos e estamos sintonizadas. É a ideia que tenho.

Quanto à Câmara... bem... eu sempre disse que a minha política e a da Mesa Administrativa era a Santa Casa.

Por isso, e quanto me desgosta dizê-lo, é frustrante ou foi frustrante a expectativa. Durante a Campanha Eleitoral vieram falar connosco, saber dos nossos anseios, das nossas dificuldades. Declararam-se solidários. Só que até hoje, nada. Do essencial, nada. Em contactos pessoais, nada.

É óbvio que insistiremos e denunciaremos sempre, também. Vou continuar com a mesma cor, eu

e os meus mesários. Vamos ser, antes de tudo, pela Santa Casa da Misericórdia de Fão. Nós não temos que nos queixar do que a Câmara dá aos outros. Do que nos queixaremos, sim, é do que nos recusa a nós. Já está referido o princípio dos filhos e enteados. Denunciaremos, quando for necessário, e esperamos que, os fanguieiros, se solidarizem connosco. Activamente.

Quanto ao Novo Fanguieiro, não temos por ele qualquer consideração, como é óbvio. Responder às perguntas que me propuseram é um acto de respeito e consideração pelos leitores que não têm culpa nenhuma e até pelos colaboradores do jornal que, estou certo, também os há, dos que não têm qualquer culpa.

Quanto a ajudas, venham elas, estamos, como sempre estivemos receptivos...

## INQUISIÇÃO

N.F. — *Irmãos novos. Irmãos velhos. Ainda existirá Inquisição? Como estão a ser tratados uns e outros? A nível de regalias espirituais? E económicas? E de Assembleias? Lembro-lhe a questão já por mim levantada e a conclusão a que chegou o «advogado» em «Direito Canónico».*

PROVEDOR — Essa de Inquisição é de sua autoria. Eu tenho a certeza que as pessoas não são carneiros e não vão para onde os «tocam». A expectativa dos Irmãos que foram inscritos por cem escudos, para sempre, se é de regalias espirituais que esperavam, não verão frustrada essa expectativa e o acompanhamento da insígnia e da irmandade à sua última morada mantém-se. Quanto a regalias criadas recentemente e a criar contemplan os irmãos que, tal como na génese, se inscreveram para contribuir, essencialmente. Aquando de uma reunião das «Misericórdias do Norte» com o Senhor Arcebispo, tivemos oportunidade e curiosidade de conversar com um seu colaborador sobre o assunto. Por questão de melindre, *a Mesa decidiu, e bem, acbo eu, manter os sufrágios e o acompanhamento no funeral.*

Como sabe, a Santa Casa da Misericórdia é composta por Irmãos. Estes, em Assembleia Geral Extraordinária, convocada para o feito e após consulta e análise a alguns dos seus elementos, decidiu alterar os seus Estatutos a vigorar desde o início do século. Foram votadas por unanimidade todas as alterações postas à consideração da Assembleia. Quem lá não esteve, foi porque não quis e se entendia dar uma ajuda para um compromisso actualizado deveria fazê-lo. Ainda hoje, se algum ou alguns Irmãos quiserem e entenderem que alguns artigos não estão conforme ao espírito da Instituição ou dos tempos de hoje, pode fazê-lo, sugerindo à Mesa Administrativa sufragá-los na Assembleia Geral mais próxima. É simples.

De qualquer maneira, pensamos que o ponto mais polémico, se assim se pode chamar, diz respeito ao pagamento da quotas mensais por parte dos Irmãos, anteriores à revisão dos Estatutos. Embora isto não fosse abordado na Assembleia proposta só para rever os Estatutos, o entendimento da Mesa é que a partir dessa data havia um só e o mesmo Estatuto para todos os Irmãos. Pagar uma quota de 50\$00/mês, insignificante nos dias de hoje, deverá ser entendido como uma ajuda e não como pagamento para receber contrapartidas. Eu, em Assembleia Geral, fui considerado Irmão Benemérito e pago as respectivas quotas. Penso que esta é uma questão menor, mas se efectivamente alguém entender que não está correcta, só tem uma solução. Solicitar que esse artigo dos estatutos seja escalpelizado e votado em Assembleia Geral.

## ENTIDADE EMPREGADORA

N.F. — *A Misericórdia de Fão é hoje, como entidade empregadora na nossa terra, o maior patrão. Um novo Ofir. No sentido em que emprega um número elevado de fanguieiros e muitos são potenciais empregados, no hospital, no Lar, no Infantário. Que*



futuro, a médio prazo para a manutenção/desenvolvimento da Instituição e dos empregados?

Provedor — Como já atrás disse, o futuro, na nossa perspectiva será melhor que o presente. Não terá as dificuldades financeiras que temos hoje dado que as obras a executar já são poucas e os grandes investimentos já foram feitos. Alguns deles ainda estão a ser pagos.

Amanhã, a política dos responsáveis será melhor, descobrindo novas formas de servir a sociedade. Já hoje isso se reflecte, apesar de termos por executar algumas obras ou que estão em andamento. Assim, para um serviço melhor e porque não mais profissionalizado, estamos efectivamente a reestruturar a Instituição em termos empresários. A contabilidade já começou a ser feita por computador. Este mesmo sistema será alargado a todos os outros sectores, dado o movimento não se compadecer com formas de trabalhar ultrapassadas. Por outro lado, no próximo mês de Agosto iremos fazer alguns cursos de reciclagem e aperfeiçoamento ao nosso pessoal, ao abrigo da C.E.E. Como se vê, é altura de arrumar a Casa que progrediu imenso e muito rapidamente. É altura de reflectir um pouco, acautelar o futuro, acabar os projectos em andamento e constante do Plano de Actividades sujeito à apreciação dos Irmãos.

Como se vê, é verdade o que afirma na sua questão, e seria bem problemático o futuro de muitos que dependem directa ou indirectamente desta Casa se déssemos ouvidos às vozes das «Taxas da Clifão» e outras preocupações que não são inversas.

As necessidades da vida moderna obrigam a família a recorrer aos serviços sociais que administramos e a sua manutenção e desenvolvimento está restrita a esse facto. Depois, como em tudo, havendo possibilidades de opção por parte do utente... ele opta. A preocupação que nos cabe é a da qualidade. Nisso, pode crer, sempre procurámos a melhor possível. Quer exemplos de desenvolvimento? Nos últimos anos, aumentou-se a capacidade de todas as nossas valências: Hospital, Lar, Jardim de Infância que continua a alargar a Creche.

### MISERICÓRDIA SEM MISERICÓRDIA?

N.F. — Como consegue viver esta «Misericórdia» que mais parece uma grande empresa prestadora de serviços... sem misericórdia?

Provedor — A pergunta é incongruente. Por um lado questiona como consegue viver. É lógica e pertinente. Por outro lado, acusa-a de falta de misericórdia. Que eu saiba, a misericórdia ou a caridade presta-se com dinheiro — salvo as palavras de conforto que damos, gostosamente de graça. Presta-se misericórdia a quem precisa dela, tal como já alguém o referiu, com verdade. Se para alguns, misericórdia ou caridade é a isenção de pagamentos devidos ou a sua diminuição, então o cerne da questão é: existir ou não existir. Se é sobre a parte hospitalar que se insere a pergunta, apenas podemos dizer que o hospital de Fão é, apenas, uma opção. Mesmo assim e pela parte que nos toca, nunca fomos insensíveis, em consciência. Às vezes, poderá parecer por falta de correcta informação.

E agora pergunto eu: Há algum(a) idoso(a) de Fão, pobre, sem família, que não tenha abertas as portas do Lar? No Centro de Dia, há alguém a quem fosse rejeitada a entrada? Quisemos abrir uma nova valência: Apoio ao Domicílio. Ninguém quis. Temos roupa usada para dar. Ninguém quer. Estou a falar em DAR, contudo, ninguém quer. Como vê, que mais pode fazer a Misericórdia?

Se alguém disser que em Fão se passa fome ou dificuldades de monta, mente, pois sabe que as portas da Misericórdia estão abertas. Se tem vergonha de pedir... e nós desconhecemos... o que poderemos fazer?

Mais, quando editámos o nosso Boletim para esclarecer e clarificar aleivosias, perguntamos várias vezes quem se queria inscrever na modalidade de «Serviço Domiciliário». Ninguém se inscreveu...!!!

O sector hospitalar é o mais deficitário. É onde vemos mais problemas. Enquanto a Segurança Social compartilha por cada criança ou idoso, no domínio da Saúde a coisa complica-se. O Estado não dá nada. Ninguém dá nada. Todos querem serviços de borla, coisa que nem o Estado fornece... Este paga a prestação de serviços, debitados a preços do «antigamente». Esses mesmos serviços são pagos com alguns meses de atraso. É preciso um fundo de maneio enorme. E o que custava, há vinte anos, dez, hoje, custa trezentos... Por exemplo: há operações que não pagam as sedas utilizadas! Quem paga os investimentos? Quem paga a manutenção?

Oxalá os feitores da lei não nos obriguem a fechar ou privatizar qualquer especialidade, pois, então sim, infelizmente vão saber quanto custa a saúde. Nessa altura, terão saudades dos serviços que hoje prestamos. Nessa altura, saberão o que é uma lista de espera; saberão o que é estar internado longe de casa e da família, etc., etc.. Nessa altura saberão o que é uma «empresa prestadora de serviços... sem misericórdia». *Com mágoa o digo, mas certamente trão ter saudades do tempo desta «Clifão».*

Como vê, o barco é grande. As dificuldades são enormes. Contudo, não desanimaremos e tudo, dentro das nossas possibilidades, para mais e melhores serviços poderemos prestar à população.

Como vê, com este panorama e dificuldades, é fácil verificar o porquê das nossas manifestações, face à ingratidão, incompreensão e politiquices...

N.F. — À laia de rodapé. Esta entrevista foi feita por escrito. Outras questões poderiam ter sido colocadas, perante as respostas do senhor Provedor. Fizemos o papel de «advogado do diabo». Algumas vezes, não foi a nossa opinião, mas a voz do povo que quer saber... que diz e que não está informado. É para isso que servem ou deveriam servir os jornais. Da nossa parte, sempre tivemos pela Instituição apreço, orgulho e até carinho. Somos fangueiros e queremos para as nossas instituições o melhor. No entanto, não nos sentimos comprometidos e, livremente, comentaremos aquilo que não nos parece «estar bem» se for caso disso. Mas, antes, teremos o cuidado de abordar o Provedor, pedindo esclarecimentos, como já teremos feito.

Esta é a entrevista que «faltava» no nosso curriculum de colaborador no Novo Fangueiro. Outros assuntos, outras informações queremos ser veiculados, no jornal, para dar a conhecer aos fangueiros espalhados pelo mundo, e onde este mensário chega, de que as Instituições Fangueiras, apesar do pouco apoio oficial, estão prósperas em serviços à comunidade e são as *Matores*; daí a inveja que causam. O sublinhado no texto é da nossa lavra...

### RAMPA DAS RODAS

Como já foi anunciado, a Rua das Rodas que começa junto à praia (Casa do Pleira) passa depois em frente à Cascatinha e vem desaguar nas Rodas. Aqui flecte para o lado do «estaleiro», passa por baixo da Avenida António Veiga, continua junto ao Fojo, entra por baixo do arco da ponte e vai dar à Rua dos Bombeiros. E depois? E depois em dias de trânsito (sobretudo dos automóveis que «metem por Fão») a referida rua vai ser testemunha de engarrafamentos monstros.

Há quem opine — e nós damos-lhe razão — que a aludida Rua das Rodas devia seguir directamente até à estrada nacional n.º 13. Ao que nos consta, essa rampa vai ter escadas o que inviabilizará o trânsito automóvel.

E a Ex.ma Junta já pensou no problema?

### DR. AMÉRICO SEIXAS

Fomos informados que este nosso amigo e assinante desde a primeira hora do nosso jornal, ilustre causídico no Porto, se encontra doente na cidade invicta.

Ao querido companheiro desejamos um pronto restabelecimento.

### Pagaram a assinatura

1988/89/90 — Valdemar Sousa, Fão, 2000\$00; 1989/90 — Armando Solinbo, 1250\$00; 1990 — António Gomes de Azevedo, Brasil, 1000\$00; Victor Fontes, Braga, 750\$00; Ernesto Gonçalves da Silva, Porto, 750\$00; D. Helena Anna Agnes Bol-len Pinto, Porto, 1000\$00; Arlindo Ferreira, Fão, 750\$00. 1990/91 — Manuel Gomes Miranda, Brasil, 2000\$00; Prof. D. Samarina Pereira, Esposende, 1000\$00; Raul Pimenta, Fão, 1500\$00. 1991 — Cândido Galfém Costa, Porto, 750\$00; Dr. Milton José Sousa Pinho, Esposende, 750\$00; Manuel Ferreira do Vale, Fão, 750\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; António da Fonte Galfém, Fão, 750\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 1000\$00; Joaquim Oliveira Lima e Costa, Póvoa de Varzim, 750\$00; Fernando Pedras, Fão, 750\$00; Sérgio Manuel Alves Branco, Póvoa de Varzim, 750\$00; Manuel Ferreira Curto (Casa Bom Jesus), Fão, 750\$00; Farmácia Apulense, Apúlia, 750\$00; D. Olívia Araújo, Porto, 750\$00; Carlos Maia, Fão, 1000\$00; António Lopes Monteiro, Barcelos, 1200\$00; Manuel Afonso Novo, Braga, 1000\$00; Fernando Linhares de Castro, Póvoa de Varzim, 750\$00; Joaquim Real Moraes, Coimbra, 750\$00; Prof. Doutor José Cardoso Morgado, Porto, 1000\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 750\$00; Vidrozende, Esposende, 1000\$00; Cândido Teixeira, Brasil, 1000\$00; Júlio Morgado, França, 1000\$00; Ramiro Capitão, Austrália, 1000\$00; Júlio Graça do Vale, Fão, 800\$00; Quenor Gomes Ribeiro, Fão, 750\$00; José Guimarães, Porto, 750\$00; Dr. Jorge Arelas, Porto, 750\$00; José Martins Correia, Espinho, 750\$00; D. Ana Figueiredo, Fão, 750\$00; D. M.ª Emília Viana Espojeira, Brasil, 1000\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1000\$00; Farmácia Higiénica, Fão, 1250\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 1000\$00; Casa Aurélio, Fão, 750\$00; Ernestino Magalhães, Fão, 750\$00; Artur Sobral, Fão, 1000\$00; D. M.ª de Fátima Solinbo Martins, Suíça, 1000\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; Óptica Oliveira, Lda., Braga, 1000\$00; Miguel Machado, Braga, 1000\$00; Dr. João Amândio T. G. Bettencourt, Lisboa, 900\$00; Fernando Marques Ferreira de Almeida, Porto, 1000\$00; P.e Dinis de Vilarelbo, Gondomar, 1000\$00; João Barros, Matosinhos, 3000\$00; Dr. Joaquim Vinha Novais, 1000\$00; Manuel Parente Oliveira, Porto, 750\$00; D. M.ª Fernanda Fortes Calisto das Neves, Póvoa de Varzim, 750\$00; Domingos Campos Monteiro, Brasil, 1000\$00; Adeline Campos Monteiro, Fão, 750\$00; Com.te Carlos Bacelar Pires, Braga, 750\$00; Desembargador José Ramos da Fonseca, Fão, 2500\$00; D. Orentina Gomes Carlos, Braga, 750\$00; D. Laurentina Ribeiro da Silva, Fão, 750\$00; António Jerónimo de Barros Peixoto, Fão, 750\$00; José de Sá Pereira, Fão, 750\$00; D. M.ª Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 750\$00; Carlos Barra Reis, Fão, 750\$00; M.ª Fernanda Rocha Fortes, Póvoa de Varzim, 750\$00; Mário Ferreira, Fão, 1000\$00; João Luís Reis, Fão, 1000\$00; Domingo Araújo Ferreira, França, 1000\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 750\$00; Júlio do Vale Morgado, França, 1000\$00; D. M.ª de Lurdes S. S. Barros, Fão, 750\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 1000\$00; Joaquim Sousa Galfém, Porto, 1000\$00; João Reis Graça, Fão, 750\$00; Artur Santos Ferreira, Fão, 750\$00; D. Marla Ferreira Belo, Fão; 1000\$00; José Fernandes Branco, Fão, 750\$00; Casa Solinbo, Fão, 750\$00; Sérgio Manuel Alves Branco, Fão, 750\$00; Paulo Ribeiro Branco, Fão, 1000\$00; Albano Silva, Fão, 800\$00; João Emílio Sá Pereira, Fão, 750\$00; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; António Reis Graça, Fão, 750\$00; Manuel Lopes, Fão, 750\$00; Prof. Elias Cardoso, Fão, 750\$00; Abílio Graça do Vale, Fão, 750\$00; Dr. Artur Luís Vinha Novais, Fão, 750\$00; Alberto Cabeleireiro, Esposende, 750\$00; José Francisco Gomes Fernandes, Fão, 1000\$00; José Paulo Ferreira, U.S.A., 1000\$00; Manuel Raimundo Ferreira, Brasil, 1000\$00; António Oliveira, Esposende, 1000\$00; João Armando Gonçalves da Torre, Porto, 750\$00; António Teixeira da Silva, Esposende, 1000\$00 e Amândio Cardoso da Silva, Fão, 750\$00.



## NAS TERMAS COM RECORDAÇÕES DE FÃO

Passámos uns dias nas Caldas de S. Pedro do Sul. Não foi por simples turismo que nos mantivemos quase duas semanas naquela estância termal. Somos solidários de alguns achaques que afectaram o Rei D. Carlos e sua esposa Dona Amélia, que ali procuraram remédio para os seus males. Dito de outra maneira, pertencemos desde há um ano à Brigada do Reumático e esse foi o motivo principal que nos levou para aqueles lados.

O cenário é edílico, a praia fluvial é convidativa, as árvores frondosas, os quatro hotéis que já ali funcionam são modernos, aliantes e não exploradores; enfim é um sítio que de longe, através de desdobráveis, se fica com uma ideia muito próxima da sua realidade. Depois tem águas sulfurosas a brotar e a esquentar aqueles que, ultrapassando S. Tomé, tocam-lhes com as mãos a ver como é que é.

Não vamos fazer uma alusão específica ao poder curativo daquelas águas. O edifício onde se fazem as abluções e os tratamentos, é moderno, confortável, tem piscinas de água quente, tem tanques e as instalações são, íamos dizer, luxuosas. O proprietário é a própria Câmara de S. Pedro do Sul, de onde se pode concluir que não há ali propósitos lucrativos mas sim o desejo de bem servir e de melhor agradar.

A limpeza é a «primeira preocupação que se nota no edifício e o atendimento personalizado é uma norma que se vem cumprindo desde sempre.

Frente ao edifício sede, ou melhor, quase em frente, ergue-se igualmente uma outra construção mais imponente, bem conservada que remonta ao ano de 1920. Já foi o hotel e por comportar essa dita função a FNAT comprou o imóvel para os seus associados passarem uns dias. A partir de 1974 passou a ter o nome de Inatel, mas nós constatamos — fomos lá espreitar — que a limpeza, a disciplina e um bom serviço moram lá desde há muitos anos.

Quem dera a nós fangueiros possuímos uma casa daquelas. Bem, é melhor calarmo-nos porque a nossa memória ainda está fresca da recepção que alguns conterrâneos prestaram a quem veio até nós colocar a primeira pedra para a construção de uma Pousada da Juventude. E depois os comentários ilógicos que se fizeram a seguir.

Devemos confessar, porém, que inicialmente, ao pegar na esfesferográfica, não pensávamos render a nossa homenagem às Termas de S. Pedro do Sul. A pena fugiu, no entanto, para aí, embora fosse nossa intenção aludir apenas a dois casos que desde o primeiro dia nos chamaram a atenção. Um deles foi a existência de 7 patos que vivem no rio e na sua margem esquerda. Há lá um letreiro, bem visível onde se pode ler: «Estes patos foram oferecidos às crianças das termas». Talvez por essas palavras e também pelo orgulho que os habitantes sentem (orgulho e carinho) pelos referidos palmípedes (pertencem à família das anátidas) ninguém lhes toca, ninguém os maltrata (ai dele!...) e ao contrário são muitas as pessoas que do alto da ponte lhes lança que comer.

Lembramo-nos então dos patos do Sérgio e dos roubos e maus tratos de que foram e têm sido vítimas. Sobretudo aquela primeira leva que inclusive independentizou-se do amo, e que agora se abanca em qualquer sítio do paúl. Ainda falando dos patos das termas, eles ganharam o vício de em certas horas do dia, aproximarem-se de um hotel existente à beira da ponte, cujos empregados (dos ou das?) não os deixam morrer à fome, antes pelo contrário, fornecem-lhes comida abundante e tão deliciosa que os patos se dão ao luxo de escolherem «os pratos».

E depois desta história dos patos, outro apontamento nos ficou: as termas, que nem sequer constituem freguesia, são patrulhadas, diariamente e até mais que uma vez por dia, por uma patrulha da GNR. A sua presença impõe respeito, confere segurança às pessoas e até pode evitar certos crimes como aqueles que há pouco tempo enlutaram famílias de Fão.

## CONVERSANDO... (Cont. da pág. 12)

diariamente. A água e o homem são inseparáveis. Afastados, mas iguais. Têm vidas paralelas, completando-se harmoniosamente, como dois irmãos.

Repare-se que todas as grandes cidades do mundo, nasceram nas margens de grandes rios.

E nós, fangueiros, temos o nosso Cávado.

Belo, suave, refrescante. Como homens de boa vontade, não vamos deixar que a ambição de alguns o possam danificar e poluir.

## FESTIVAL DE MÚSICA CLÁSSICA DE ESPOSENDE

— Em 29 de Junho, comemorando o ano Mozart, realizou-se um recital de Plano e de Violoncelo, no Salão Paroquial de Esposende. Foram solistas Paulo Galo Lima - violoncelo e Teresa Xavier - piano.

— No Salão Paroquial de Esposende realizou-se no dia 19 de Julho um Encontro-Concerto com o Trio «Pluhar D'Almeida Marinoff» tendo ao piano - António Vítorino d'Almeida, à guitarra - Peter Marinoff e no canto - Erika Pluhar.

— No dia 21 do mesmo mês, e no mesmo local, houve um recital de Plano a cargo de Maria João Morais, e de Clarinete com Vladimir Stoyanov.

## DE FÉRIAS

— Vindo do Brasil acompanhado de sua esposa, encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante Manuel Gomes Neto.

— Da Suíça encontra-se entre nós, acompanhado de sua família o nosso prezado assinante João Maria Ferreira Ribeiro.

— Também chegou de França, com os seus familiares o nosso conterrâneo Amândio Ferreira.

## Novos Corpos Sociais do C. F. de Fão

**Assembleia Geral** — Presidente: Dr. Armando dos Santos Saraiva; Vice-Presidente: Dr. Manuel João Oliveira Carvalho Matos; Secretário: António Gomes Viana.

**Direcção** — Presidente: Manuel Belmiro Gonçalves Ferreira; Vice-Presidente: Sílvio dos Santos Fernandes; Vice-Presidente: Amílcar Almeida Cardoso; Secretário Geral: Albino Miranda de Sousa; 1.º Secretário: Augusto Santos Araújo; 2.º Secretário: José Soares Pedras; 1.º Tesoureiro: Amândio Leite de Faria; 2.º Tesoureiro: Moisés António Vareiro dos Santos; Vogais: Carlos Pedras da Silva, Carla Raquel Fonseca Viana, José Maria do Vale, Margarida Maria Trindade Linhares, Manuel Leite de Faria, Carmen Pedras da Silva, Carlos Pereira da Silva.

**Conselho Fiscal** — Presidente: António Francisco Oliveira Carreira; Secretário: José Benardino Gomes do Vale; Relator: Manuel Sá Leites.

## FESTAS DA BONANÇA

As Festas da Bonança que este ano se realizam nos dias 24 e 25 de Agosto, vão ter um programa à altura.

Além da tradicional procissão de velas, actuarão uma banda de música, bem como o conjunto António Mafra, e ainda a famosa Banda de Plástico de Barcelos.

Os dois conjuntos «pop» de Fão «Etc.-70» e os «Tifosi», made in Fão, actuarão nos festejos.

Esta festa tem tido ao longo dos anos os seus altos e baixos.

Este ano o «menu» parece apetitoso pelo que antecipadamente apresentamos as nossas felicitações aos responsáveis.

## «VIVA MOZART» É O NOVO SHOW INTERNACIONAL DO CASINO DO ESTORIL

Os portugueses e os turistas que nos visitam, dispõem, desde há dias, de um novo e magnífico Show Internacional: «Viva Mozart», a mais recente superprodução do casino Estoril, sem dúvida o melhor espectáculo desde sempre apresentado no Casino Estoril.



«Viva Mozart» novo Show Internacional do Casino do Estoril

Apostou-se forte neste espectáculo inspirado na figura de Mozart: tecnologia altamente sofisticada, efeitos cénicos e especiais nunca utilizados em Portugal, coreografias originais e um guarda-roupa luxuosíssimo, com vista a recriar todo o ambiente oitocentista, porém, com um toque de bem conseguida modernidade.

Além da orquestra privativa do Casino Estoril, outras atracções acompanham o jantar dos clientes que têm o bom gosto de escolher o Casino para passar uma noite agradável: a viola e a guitarra portuguesa de José Silva e José Luís Nobre da Costa, o dueto brasileiro de Cláudio Goldman e Pedro Moreno, que além do samba interpretam as canções brasileiras e os ritmos sul-americanos e um quarteto de música de câmara, vindo expressamente da Hungria, o «Mozart Quartet».

**Optica**  
**Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

## GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

a) **Nemátodos** — Pequenos parasitas que podem existir no terreno em grandes quantidades dos tecidos alimentando-se, crescendo e reproduzindo-se, dando origem a cistos com algumas centenas de ovos que na Primavera seguinte eclodem para provocar novas infestações.

Destaca-se, como o mais importante, o chamado nemátodo dourado — *Heterodera, rostochiensis* Wolf. Outros que podem ocasionar prejuízos dignos e nota são o *Meloidogyne incognita* Chit. e o *Ditylenchus destructor* Thorne, que além do ataque às raízes provoca igualmente danos nos tubérculos e também na parte aérea das plantas.

O combate directo a estas pragas é praticamente impossível. Deve evitar-se a infestação do terreno, quando a praga não exista, não utilizando semente infectada, ou seja, empregando apenas semente sanitariamente garantida. Nos terrenos já atacados o único método satisfatório de controlo é o emprego de uma rotação em que qualquer cultura susceptível à espécie de nemátodo existente seja cultivada apenas de seis em seis anos. Os solos mais leves, arenosos, são aqueles onde o combate se faz de modo mais eficaz.

b) **Afídios** — É grande o número de afídios que ataca a batateira. A sua importância como praga nefasta resulta tanto do facto de serem transmissores de vírus. (Ver mais adiante alínea sobre as doenças) como da sua própria acção directa

como sugadores das plantas, podendo em alguns casos, em particular quando o tempo esteja quente e seco, ocasionar estragos que redundem em reduções da produção da ordem dos 50% e mais.

Os afídios, vulgarmente conhecidos por piolhos das plantas, são insectos sugadores da ordem dos hemípteros, muito pequenos mas extraordinariamente prolíferos, podendo dar origem a quinze gerações durante o ciclo cultural, nos casos de meio ambiente mais favorável. Destacam-se como mais importantes o *Macrosiphum euphorbiae* Th. e o *Myzus persicae* (Sulz). Bod et Sw em especial este último. Também o *Myzus ornatus* Laing e o *Apbis rhamni* Koch são responsáveis pela transmissão de viroses da batateira.

Pela rapidez com que se reproduzem e ainda pela facilidade com que se espalham são difíceis de combater exigindo, logo que aparecem, tratamentos consecutivos adequados. Em particular no caso da produção da batata-semente o combate a estes insectos é medida obrigatória e no da batata de consumo conveniente não só como medida preventiva contra a disseminação dos vírus como pela redução que podem produzir na colheita.

Os tratamentos fazem-se à base dos chamados aficidas, insecticidas específicos de que existem no mercado diferentes tipos e marcas à base de dimetoato, etoato-metilo, fenitrotião, etc. Modernamente começam a usar-se insecticidas sistémicos, que dão controlo praticamente por toda a época e que se aplicam no terreno em linha contínua no fundo do reço, no momento da plantação, ou sobre

os próprios tubérculos antes da plantação (menazão, etc.).

c) **Alfinetes** — Dá-se o nome de alfinetes às lavas de alguns coleópteros as quais vivem no terreno alimentando-se de raízes de diversas plantas e que naturalmente atacam os tubérculos das batatas perfurando-os e desvalorizando-os comercialmente ao mesmo tempo que abrem caminho a diversos tipos de infecções. Os solos mais leves de tipo arenoso e franco-arenoso são os mais propícios a um amplo desenvolvimento desta praga mas nem por isso deixam de aparecer em solos mais pesados.

Os alfinetes são pragas difíceis de combater não só pelo seu modo de vida subterrâneo como pela sua longevidade de cinco a seis anos antes de passarem ao estado adulto. A aplicação de insecticidas aos terrenos é uma prática cara, de eficiência não absoluta e que encerra perigos sendo muito limitados os produtos que a legislação autoriza, face aos perigos de contaminação tóxica da produção. Entre eles figuram o lindano e o diazinão.

d) **Raios** — Insecto (*Gryllotalpa gryllotalpa* L.) que ataca a parte subterrânea da batateira roendo raízes e tubérculos, podendo provocar danos apreciáveis, em particular em terras enxutas. Alguns insecticidas de aplicação ao solo são eficazes contra esta praga, mas o seu uso está muito restringido legalmente pelos perigos que representam para a saúde dos consumidores dos produtos originários dessas terras, conforme se referiu também a propósito do combate aos alfinetes.

(Continua na pág. 10)



# Basta

## a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo na agricultura**

**Hoechst** 

Cap. Soc. 8 000 000 0000000000 Reg. Com. Sétimo n.º 1438



6Continuado da pág. 9)

Doutro modo o combate a esta praga é relativamente difícil efectuando-se especificamente à base de iscos envenenados que se espalham pelo terreno. Continuam a ser empregados iscos de fluossilicatos de uso muito antigo. Exigem-se cuidados muito especiais por causa dos perigos para os animais domésticos. Pode empregar-se também o lindano à razão de 180 gr. de produto activo por 100 kg de isco.

e) **Escaravelho americano** — O escaravelho da batata ou escaravelho americano — *leptinotarsa decemlineata* Say — pertence à família dos crisomelídeos e é uma das pragas mais prejudiciais dos batatais. Na sua forma adulta faz lembrar uma grande joaninha com cerca de 10 a 12 milímetros de comprimento e 8 de

largura, com o corpo de cor amarela e apresentando dez riscas negras sobre o dorso.

A forma larvar tem seis pernas, uma cabeça pequena, negra, e um abdómen mole e esférico, vermelho ou alaranjado com uma linha dupla de pontos negros de cada lado. Tanto no estado adulto como no de larva alimenta-se vorazmente da rama chegando a destruir por completo a parte aérea das plantas e, assim, reduzindo ou anulando a produção de tubérculos. Pode atingir quatro gerações por ano, o que lhe dá um poder extraordinário de multiplicação e, portanto, de potência destruidora.

Durante o Inverno o escaravelho hiberna, enterrado no terreno, donde volta a sair na batata armazenada. Ataca também outras espécies da família das Solanáceas como a beringela, o pimento e o tomateiro mas encontra o seu meio óp-

**NOVO**

A MATÉRIA ORGÂNICA  
É A BASE  
DA  
FERTILIDADE

**ESTREGUANO**

É UM PRODUTO  
EXCLUSIVO  
DA

**ESTRELA ADUBO**

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda  
Estr. N.º 219 - Monte Estrela  
Jard. 52364 Adubo P. - Tel. 510231 e 51022 - 51.283  
Apart. 1048 - 3506 VISEU

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR  
A3 AM



PORMENOR DE QUEDA  
DE CALIBRADOR  
POR PÊSO



CALIBRADOR  
POR PÊSO  
4 LINHAS



DESCARREGADOR  
E ELEVADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"



TAÇAS DE CALIBRE  
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

timo de subsistência na batateira, alimentando-se da rama e dos tubérculos uma vez a descoberto. Em armazém pode multiplicar-se em gerações sucessivas, aumentando a destruição dos tubérculos.

Em Portugal esta praga é mais importante no Sul e Centro (ARANHA e agraça, 1942) devido ao efeito favorável das temperaturas altas no seu desenvolvimento.

f) **Ervas daninhas** — As ervas daninhas constituem, na verdadeira acepção da palavra, uma praga da cultura. O seu combate faz-se através de uma boa preparação da terra e de sachas ao longo da cultura sempre que necessárias, mas pode também empregar-se o combate químico por meios de herbicidas. Dada a susceptibilidade da batateira à maior parte dos herbicidas, o emprego destes faz-se sempre antes da plantação e, nestas condições, existe um número elevado de produtos que podem ser empregados, embora, consoante o seu poder residual, exijam maior ou menor antecipação relativamente à data de plantação. Assim, encontra-se no mercado português produtos à base de EPTC, linurão, monolinurão, metrobromorão, prometrina, paraquato, etc., simples ou em combinações que terão que ser estudadas para cada caso, sabendo que diferentes são as condições de ambiente, e as espécies espontâneas dominantes de região para região.

FIM



# A «AVANTESMA»

A pedido do meu neto mais velho, Rui Armand, vou descrever a noite terrível que passei quando ainda jovem.

Logo que o proprietário do Hotel Vilarinho faleceu, a viúva, (senhora Aninhas), abriu um restaurante quase em frente ao hotel.

Em mil novecentos e vinte e oito, data a que me vou referir, as esposas e filhas só saíam à noite, quando havia algum espectáculo ou baile, acompanhadas pelos seus familiares. Apenas os maridos e filhos de maior idade tinham tal privilégio...

Enquanto que no rés-do-chão do hotel só os de «meia tijela» reuniam todas as noites, o caso era diferente no restaurante da senhora Aninhas...

Assistia-se ao princípio do fim, da separação, das chamadas «classes sociais». Pescadores, artistas, professores, empregados do comércio.

Estou a referir-me a Esposende, terra dos preconceitos, nessa data já tão distante... As pessoas que viviam dos rendimentos ou que tinham estudos, desprezavam o convívio dos humildes...

Estávamos ainda na época das crendices e todas as noites o forte das discussões eram as almas do outro mundo, o homem que andava a correr fado, as feiticeiras, as «avantesmas» etc. etc.

Era tal a convicção de alguns ao relatar o que tinham ouvido aos pais e avós, que até as lágrimas lhe vinham aos olhos. Só duas pessoas não acreditavam; eu, e o filho da dona da pensão.

Era sexta-feira do mês de Janeiro. Um dos muitos obsecados pelos tais «mistérios», não obstante já ter estado no Brasil e na Argentina onde casou regressando desgostoso porque a mulher lhe fugiu, bate-me no ombro e diz que vai para casa porque é quase meia-noite... «Eu também vou». Tinha consideração pelo «Adão Salorista» porque muitas vezes me tinha acompanhado em serenatas... «Na realidade aquele homem tinha nascido para o fado!»... Cantava bem...

Sáimos e fomos caminhando até à minha casa. Eu morava na Rua Direita em frente à Câmara Municipal. Ele, em S. João, onde a mãe tinha uma mercearia. Quando me dispunha a entrar em casa, o meu amigo convidou-me para lhe fazer companhia, pois sabia que eu gostava da noite e não tinha receio do regresso porque andava armado. Não me

fiz rogado e caminhámos Rua Direita abaixo. O assunto tinha que ser o mesmo: *o seu irmão Quintino, tinha atravessado o rio e posto na Restinga praia de Fão e fôra levado pelas feiticeiras...*

Tivemos que o ir buscar no dia seguinte. Quando chegámos junto dele, disse-nos que tinha sido levado por mulheres vestidas de preto. Eu não queria hostilizar o meu amigo, mas não resisti e dei fortes gargalhadas. Entretanto atravessámos o largo Rodrigues Sampaio em direcção ao passeio e seguimos por ele. Em frente ficava o poente. Ao terminar existiam umas árvores enormes!... Quando o meu amigo dobrava a esquina que nos levava a S. João, agarrou-me num braço e disse: — «Fogel!... Olha uma «avantesma» pela árvore acima!...» Fiquei estarelecido e, se não fora a vergonha de mim mesmo pelos ataques que fazia àqueles que acreditavam em fantasmas... teria fugido. Mas não: fiquei colado à parede da última casa do passeio. Era uma mulher com mais de seis metros de comprido e seus olhos e sua cabeleira eram proporcionais ao seu tamanho. Fechei os olhos e abri diversas vezes não fosse ser ilusão minha... De cada vez que abria os olhos, mais perto estava de mim. Foi descendo da árvore e caminhava vagarosamente na minha direcção... Já não nos separava dois metros. Não tinha alternativa. Trémulo de cabelos em pé, cabeça a escalear... Louco, agarrei na pistola e desfechei três tiros e mais não dei porque o carregador não tinha mais balas... Aquele monstro caiu e eu, tresloucado, salto para cima dele e grito: «Adão!... matei a «abantesma»!...»

O meu amigo já me não respondeu. Tinha-se metido em casa... Eu, mais calmo, talvez influência do orvalho da madrugada e do forte nevoeiro. Contento também porque mais uma vez me certifiquei que só existiam fantasmas neste mundo. Mas... triste porque acabei de reconhecer que matei o enorme cavalo do Zelador da Câmara (senhor Ricardo). Fui à porta do meu amigo e disse-lhe pela fechadura qual fora o desfecho da «avantesma» pedindo-lhe para me não comprometer... Em resposta disse: «Ah! desgraçado... Isso não era nenhum cavalo e muito menos o do senhor Ricardo... Vais ver que logo não está nada no sítio...»

Fui para casa evitando passar pelo mesmo lu-

gar onde se deu o triste acontecimento... Nada dormi e às oito horas meu pai foi ao meu quarto dizer: «O senhor Ricardo vem saber se viste algumas pessoas suspeitas porque lhe mataram o cavalo... e como te costumias a deitar tarde...» Eu repliquei: vi os que se dirigiam para o norte quando eu entrava para casa.

Soube mais tarde que o senhor Ricardo juntamente com alguns empregados da Câmara foram a todas as Freguesias a norte de Esposende inclusive a Viana do Castelo à procura de uns ciganos... Delães, 7/4/91.

António Agonia Pereira

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.



## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857

## CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE HOTELARIA

### JOVENS ENTRE OS 18/25 ANOS

A MITUR - Sociedade Turística do Minho, Lda., vai levar a efeito no HOTEL DO PINHAL, uma acção de Formação Profissional patrocinada pela Segurança Social e pelo F.S.E. nas áreas de:

### COZINHA RECEPÇÃO

Aos Formandos será assegurado subsídio de Formação.  
Os candidatos devem dirigir-se ao HOTEL DO PINHAL para preencher a sua candidatura

Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).



# ÁFRICA, ADEUS ②

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Depois de uma pequena inspecção pela povoação onde tudo parecia estar como na véspera, dirigi-me ao comandante Robles e pedi-lhe para irmos ao Bom Destino e à Maria Helena, para vermos como as coisas estariam por lá. Ele concordou e deu instruções para as viaturas seguirem a picada do Bom Destino.

Mal tínhamos percorrido uns escassos 500 metros quando surgiu uma vala e árvores tombadas na picada. Imediatamente os civis começaram a trabalhar, uns serrando as árvores enquanto outros tapavam a vala. As árvores eram de pequeno porte o que facilitou o trabalho. Pouco tempo depois os carros transpunham aquele obstáculo. Existia ali a poucos metros o povo Kataka que se pôs em fuga antes dos carros lá chegarem. Passámos pela povoação sem nos determos e breve alcançávamos o Bom Destino onde fomos recebidos pelos trabalhadores batlundos que mostraram a sua alegria por verem chegar os brancos. Dirigi-me ao cabo do grupo e perguntei-lhe se o pessoal se encontrava todo bem. Ele respondeu que sim, mas que os «gajos», todos os dias lá iam, e... acrescentou: «dixavam ordens para quando o patrão aqui chegasse nós tínhamos que o matar, caso contrário eles vinham aqui e matavam-nos a todos».

«E quem foi que assaltou a casa do Patrão?», perguntel.

«Foram ps trabalhadores daqui da Roça, os naturais da região juntos com o povo das sanzalas. Foram à casa do Patrão e começaram a partir tudo. O Pascoal carpinteiro pôs-se na frente, dizendo que não estragassem a casa do Patrão. Então eles bateram-lhe muito e arrastaram-no pelo chão. Não sei se o mataram. O criado, o pequeno Mononga, jogaram-no pela janela. Nunca mais o vímos».

«Vocês ainda têm comida não é verdade?», perguntel. «Sim, respondeu o cabo. «Caso ela acabe, vocês matem cabras, galinhas e tudo que precisarem. Como vêem, já cá estão os militares que irão castigar os malfetores. Nós temos que ir ver o que se passa nas outras fazendas, mas voltaremos logo que seja possível. Agora vamos ver como se encontra a casa». Eu e o Alferes subimos os degraus que davam acesso à residência enquanto o Amadeu Ferreira implorava ao Alferes para não se demorar, pois queria ver se salvava a filha.

Logo que entramos na residência, deparámo-nos com um espectáculo desolador: mobílias quebradas, vidros e louças tudo em pedaços, espalhados pelos aposentos.

Depois de uma volta pela casa, o Alferes, dirigindo-se para mim, disse: «vocês tinham aqui uma casa maravilhosa!» «Sim, respondi, isto é fruto de muito trabalho, sacrifício e muitas privações. E agora, se o senhor Alferes me permite uns minutos, eu vou retirar o dinheiro que se encontra no cofre, visto este ainda não ter sido rebentado». O Alferes concordou. Aproximei-me da porta e chamei pelo João Batlundo, o servente ajudante do carro. «João, pegas numas malas e pões lá a roupa da minha mulher e das minhas filhas. Faz isso depressa enquanto eu retiro o dinheiro do cofre».

O João correu para dar cumprimento à ordem recebida, e eu imediatamente tratei de abrir o cofre na presença do Alferes. Retirei todo o dinheiro pondo-o dentro de uma mala de mão, que transportei para o jeep do Neves. Em seguida fui ao encontro do João Batlundo. «Então? Está tudo pronto?» «Sr. Ramos, as malas estão cheias. Não cabe mais». «Não faz mal

João, leva-se o essencial. põe as malas no jeep e vem comigo para Lunda».

Como tudo estivesse pronto, a coluna arancou na direcção da Fazenda Maria Helena. Seguimos uma picada interior que ligava as duas fazendas. As instalações do Bom Destino e da Maria Helena distavam apenas 1 quilómetro, uma da outra. Portanto, com relativa facilidade, alcançámos a Maria Helena. Ao lá chegarem, o espectáculo era idêntico ao do Bom Destino. Tudo quebrado.

O carro do Augusto Ferreira lá se encontrava ainda carregado de tijolo. Os brancos de Kambamba, com o Amadeu Ferreira à frente, pressionavam o Alferes para não se demorar, pois os seus familiares poderiam estar a precisar deles. Foi aí que eu e o Neves resolvemos não seguir mais com a coluna e regressar a Luanda. Abeiramo-nos do Alferes e pusemo-lo ao corrente da decisão. Este, por sua vez admirado, alertou-nos para os perigos que isso representava, mas se assim o queríamos, já não era da sua responsabilidade. «Bem vê, não faz sentido eu andar para aí com uma mala cheia de dinheiro, não é verdade?» «E quem lhe garante que você chega a Luanda com esse dinheiro? Acho que o principal é salvar a vida e não o dinheiro mas se é assim que vocês querem, desejo-vos boa sorte».

(continua)

## XII Salão Nacional de Pintura «Naif»

No dia 27 de Julho realizou-se no Casino do Estoril, por ocasião do acto inaugural do XII Salão Nacional de Pintura «Naif», a entrega de cerca de três dezenas de quadros oferecidos por artistas portugueses e espanhóis para o Museu de arte Primitiva de Guimarães a criar naquela cidade.

Os quadros foram reunidos pela Galeria de Arte do Casino Estoril e oferecidos por artistas de Portugal e Espanha através de uma campanha que está a ser feita pelo nosso prezado amigo dr. Lima de Carvalho, director daquela Galeria e que faz parte da Comissão Instaladora do novo Museu.

## HONRA AO MÉRITO

Na última exposição Portex realizada na Exposição a firma **Modalfa** obteve a 1.ª classificação na modalidade «Colecção Criança-Verão 91».

As duas estilistas que desempenham funções naquela empresa são Inês Furtado e Suzana Pinto Povenz.

Esta última é filha do nosso prezado amigo e assinante Joaquim Pinto, proprietário da Firma Pinto & Cruz da cidade do Porto, e com meia costela fangeira, pois é residente, sempre que pode, na sua vivenda «O Pescador» do pinhal de Ofir.

Os nossos parabéns à Susana e ao orgulhoso papá.

## CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PRAIXÃO AMORIM

### AS ÁGUAS E O HOMEM

Quem já presenciou a beleza da água a brotar da terra, deslizando depois pelas encostas da serra, saltando aqui e ali, conforme os obstáculos que encontra à sua frente, tornando-se num fio que vai engrossando o seu volume, conforme vai percorrendo o seu caminho, até se transformar num riacho, depois num rio e por fim o seu grande abraço com o mar?

Todo o seu percurso é deslizar, ora suave, ora abruptamente, mas nunca se detendo, mesmo que os obstáculos sejam enormes, ou tendo mesmo que derrubar o que encontra no seu caminho. Ele tem uma meta: o seu encontro com o mar.

Nesse momento dá-se o grande abraço.

O rio vem mansamente, debruça-se sobre as ondas do mar, que o recebe num amplexo apaixonado, como quem se dá por amor!...

Horas depois, o rio, como a tornar-se desejado, despede-se e lá vai para o seu leito, com a promessa de voltar.

O mar vai atrás dele, mistura as suas águas, numa comunhão eterna, mas depois recolhe às suas areias e fica à espera de novo encontro, dum novo abraço.

A beleza de um rio é eterna, as suas margens, quasi sempre verdejantes, dão ao homem motivos de encanto, de prazer e de descanso.

Muitas vezes, durante o inverno, as suas águas, com o furor do vento, causam prejuízos, e muitas vezes, a morte.

Quando vem o verão, são um motivo de alegria.

Como é bom um belo banho no rio, ou um passeio de barco, gozando a frescura das suas águas, a beleza das suas margens ou o sossego da sua solidão...

A vida do homem é quasi paralela.

Nasce frágil como um fio de água, vai crescendo, gatinhando e com os primeiros passos, vai encontrando as primeiras dificuldades.

Cresce e a sua inocência e graça encantam quem o contempla. Parece nessa altura um riacho saltitante e irrequieto.

Vai crescendo como um rio e como um rio, segue o seu curso.

Primeiro a escola e as primeiras dificuldades.

Já adulto, com todas as suas ambições, ultrapassa os escolhos, salta por cima de todos os obstáculos, para chegar à sua meta.

Quando vêm as tempestades da vida, também é capaz de fazer sofrer, atropelar e até mesmo de matar.

Depois vem a bonança e aí torna-se novamente calmo, amoroso e consolador!

Há entre o abraço do rio com o mar, o mesmo paralelo com o ser humano.

O desejo de ser amado, leva-o ao encontro do amor ou da amizade, num deslizar constante, como o rio e o mar se encontram

(Continua na pág. 8)

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO